

## **A REFORMA URBANA À GUERRA FRANCO-PRUSSIANA: O MOVIMENTO OPERÁRIO FRANCÊS DURANTE O II IMPÉRIO NAPOLEÔNICO (1852-1870)**

Davi Luiz Paulino<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo se propõe a uma reflexão sobre a organização dos trabalhadores durante o governo imperial de Napoleão III (1852-1870) considerando duas perspectivas: a morfologia de uma cidade em transformação e o desenvolvimento teórico e prático dos operários, elucidando, dessa maneira, como se constituiu este processo.

**Palavras-chave:** II império. Movimento operário. Teorias e reforma urbana.

Recebido em 05 de junho de 2018 e aprovado para publicação em 29 de dezembro de 2018

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Correio eletrônico: davi.paulino92@gmail.com

## **Uma introdução necessária: o caminho de Luís Bonaparte ao poder**

A constituição burguesa advinda da revolução de fevereiro continha em sua composição uma contradição que se apresentara concretamente no dia 10 de dezembro de 1848. Com o sufrágio universal a burguesia poderia ter seus interesses postos em risco e Marx mostra essa contradição da seguinte forma:

Ampla contradição consiste, porém no seguinte: as classes cuja escravidão social deve eternizar: proletariado, camponeses, pequeno-burgueses, ela as coloca na posse do poder político por meio do sufrágio universal. E a classe cujo velho poder social sanciona, a burguesia, ela lhe retira as garantias políticas desse poder. Comprime a sua dominação política em condições democráticas que a todo o momento favorecem a vitória das classes inimigas e põe em causa os próprios fundamentos da sociedade burguesa. A umas, exige que não avancem da emancipação política para a social; às outras, que não retrocedam da restauração social para a política.<sup>2</sup>

E esta contradição apontada anteriormente aparecerá no dia 10 de dezembro de 1848, na chamada insurreição dos camponeses que através do sufrágio universal irá levar a presidência, Luís Bonaparte, que não era, então, o candidato da burguesia, pois esta havia depositado suas fichas em Cavaignac, o grande responsável pelo massacre das jornadas de junho do mesmo ano.

Segundo Maurice Agulhon, o resultado da eleição apontou a vitória esmagadora de Bonaparte que obtivera aproximadamente 5.400.000 votos, seguidos por Cavaignac, 1.400.000; Ledru-Rollin menos de 400.000; Raspail, 37.000; Lamartine, 8.000, e Changarnier menos ainda.

O resultado já era previsto, pois o representante da burguesia, General Cavaignac, não ganharia devido sua ação em relação aos operários em junho, ao contrário de Bonaparte, que se tornara um programa para os camponeses, pois representava o fim dos tributos no campo e aos proletários por simplesmente ser a oposição ao candidato da burguesia.

Percebemos como as classes populares mergulharam no erro, pois o sobrinho de Napoleão Bonaparte representava a própria república burguesa constituída frente aos seus instrumentos de dominação e não alternativa a ela. A burguesia francesa não compreendia mais poder em sua oposição ao proletariado, que se encontrava em via de constituir-se como movimento revolucionário, pois sua energia se dissipava nas disputas

---

<sup>2</sup> Karl Marx. *As lutas de classes na França de 1848 a 1850*. In Karl Marx. *A Revolução antes da Revolução: Volume II*. São Paulo: Expressão Popular, 2015, p. 110.

internas do Partido da Ordem e com isso ela seria incapaz de consolidar sua dominação através das instituições.

Bonaparte possuía um projeto bem definido para a França e ser apenas o presidente não era seu objetivo principal, desde sua eleição até dezembro de 1851 ele construiu seu caminho para a formação do II Império e a partir daqui teremos um esboço da sua árdua batalha com a Assembleia Constituinte.

A vitória de Luís Bonaparte se deu no momento em que a Constituinte estava preocupada em restringir as liberdades da população, como mostrou Agulhon:

Os representantes começaram a impor restrições à democracia. Já não se consideravam os acontecimentos de junho uma simples explosão de socialismo, ou desobediência ao poder legal; agora se preferia vê-los como efeito de excessiva liberdade de propaganda, vigente desde fevereiro. Visando a limitar a propaganda, a Assembleia votou a primeira lei para regulamentar os clubes e a primeira lei que opunha empecilhos à imprensa popular (restabelecendo o selo e as fianças). Lamennais, com dolorosa ironia, resumiu a atitude na frase “Que se calem os pobres!”.<sup>3</sup>

Agulhon em seu texto aborda a Assembleia expondo o conflito de interesses partindo da leitura reformista e conciliatória, de alguns membros, da fração denominada *Montagne* que queriam construir uma harmonia entre o liberalismo puro, a democracia e por fim, o socialismo prático, tal projeto seria impossível de se realizar pela incongruência das aspirações dos distintos grupos.

Entretanto, em sua maioria os *montagnards* lutavam pelo direito de associação, como a fundação de cooperativas de produção, tal posicionamento para o partido da ordem significava socialismo e então deveria ser perseguido. O erro deles foi em acreditar na conciliação e com isso se tornaram menos combativos dentro da Assembleia, mesmo realizando um papel importante na questão de conscientização das massas, ainda buscavam junções impossíveis dentro do governo.

A oposição à *Montagne* era exercida pelo Partido da Ordem, partido que compunha as duas maiores frações da burguesia francesa – Legitimistas e Orléanistas – e baseava sua atuação política sob a égide *Religião, Família e Propriedade*, tríade da burguesia.

Marx mostrou que na busca pela “ordem”, no dia 21 de março de 1849 era discutido em Assembleia o projeto sobre a Lei Faucher contra o direito de associação e com isso teríamos o fim dos clubes, essa lei visava sobretudo a limitação dos espaços de ação do proletariado que desde junho mostrou o verdadeiro embate de classes entre

---

<sup>3</sup> Maurice Agulhon. *1848: o aprendizado da república*. São Paulo: Paz e Terra, 1991, p. 80.

burgueses e operários. Com essa leitura vemos a formação da Constituição como uma parte da dominação da burguesia sobre as classes subalternas.

Entre os embates das duas classes antagônicas há outra que também reivindicava direito de participação política, a pequena burguesia, que fizera em 13 de junho de 1849 sua revolução, claro que não se iguala a de 1848, mas esse embate marca na concepção marxiana, a luta entre o devedor e o credor, ou seja, a pequena burguesia e os grandes industriais.

Após 13 de junho a Assembleia Legislativa votou a dissolução da artilharia parisiense e da 8ª, 9ª e 12ª legiões da Guarda Nacional que representava o poder da pequena burguesia democrática. Respondendo à ação da Assembleia, Bonaparte em 1º de novembro demite o Ministério Barrot<sup>4</sup>, representante da coligação realista, e substitui por um Bonapartista, d'Hautpoul<sup>5</sup>.

Na Construção de uma base sólida de governo, irá nomear Fould<sup>6</sup>, para presidir o ministério das finanças, com isso tínhamos o retorno dos interesses da bolsa, ou seja, era o retorno da aristocracia financeira (bonapartista) dentro da política francesa. O corpo político que está se formando em torno do presidente tinha os nomes dos representantes dos interesses da classe dominante.

Coroando a dominação da burguesia, em 1850 temos o fim do sufrágio universal que reduziu em quase um terço o número de eleitores de 9.600.000 para 6.800.000, tal redução partiu de duas leis, bem esmiuçadas pelo historiador Agulhon, a primeira datada de 31 de maio, que restringia o corpo eleitoral e, por conseguinte a de 8 junho que tinha a função de inviabilizar, mediante ao aumento do selo e da fiança. Esse ataque era dirigido a população pobre, porque além dessas leis, a inscrição nas listas eleitorais ficaria condicionada ao pagamento de taxa. O que se percebe nesse processo é como a burguesia vai afastando a classe trabalhadora da esfera da representação política quando suas reivindicações colocam em xeque a ordem estabelecida.

Continuando sua caminhada ao golpe de Estado, Luís Bonaparte cria a sociedade *10 de dezembro*, com o pretexto beneficente, mas na verdade cooptou o lumpemproletariado de Paris em seções secretas e cada uma sob a tutela de um agente bonapartista para formação de uma guarda combatente enquanto este ainda não

---

<sup>4</sup> Camille Hyacinthe Odilon Barrot foi Primeiro-Ministro da França entre 20 de dezembro de 1848 e 31 de outubro de 1849.

<sup>5</sup> Alphonse Henri, mais conhecido como Conde d'Hautpoul, foi Ministro da Guerra entre 31 de outubro de 1849 e 22 de outubro de 1850.

<sup>6</sup> Achille Fould (1800-1867), financista e político francês.

havia conseguido influenciar o exército, o que irá ocorrer após a destituição de Changarnier<sup>7</sup>.

A Assembleia encontrava-se em plena desordem política, como vista no trabalho de Maurice Agulhon, estava dividida em dois grupos, cerca de 200 democratas contra mais de 500 representantes do partido da ordem – Orléanistas, Legitimistas e o Partido do Élisée – tal situação deixava Bonaparte com apenas duas opções: o golpe de Estado ou o fim do mandato em um ano.

Na crítica marxiana encontramos a necessidade histórica do golpe bonapartista, pois a característica principal dele é a alteração da forma política para uma ditadura pela força das armas, mas a lógica do capital permanece imutável.

Segundo nos mostrou Marx, a burguesia francesa não conseguia mais exercer sua dominação pelo Partido da Ordem, a dominação do regime burguês então deveria partir da imposição pelas armas, ou seja, o *18 Brumário de Luís Bonaparte*<sup>8</sup> era a necessidade histórica naquele momento, pois ele estaria acima das disputas de interesses das frações da burguesia, o império formado por Napoleão III não representava interesses fracionados, mas defendia os interesses hegemônicos da classe dominante.

Concluindo, após o golpe de 2 de dezembro de 1851, o exército bonapartista realizou prisões dentro da Assembleia, na necessidade de eliminar resistência por parte de alguns membros do governo como Berryer<sup>9</sup>, Falloux<sup>10</sup>, Odilon Barrot, Rémusat<sup>11</sup>, Tocqueville<sup>12</sup> e mais outros 215 representantes políticos. Na tentativa de barrar o golpe, os *montagnards* na manhã de 3 de dezembro foram as ruas incitar a população para levantar barricadas e defender a república, porém sem sucesso e ao fim da tarde a cidade de Paris estava tomada em sangue e pavor (mas o que ocorreu na tarde do dia 3 não se iguala a brutalidade de junho de 1848), a maioria das barricadas já haviam sido destruídas pelas tropas, tinha-se então iniciado o II Império dos Bonaparte.

### **A reconstrução de uma cidade e a reorganização industrial**

Com o impacto da conhecida *primavera dos povos*<sup>13</sup> na capital francesa, o governo de Luís Bonaparte encarregou-se de por nas mãos do Barão de Haussmann a

<sup>7</sup> Nicolas Anne Théodule Changarnier, Oficial do Exército francês.

<sup>8</sup> Referência à obra de Karl Marx na qual ele estuda o processo de golpe bonapartista.

<sup>9</sup> Pierre-Antoine Berryer (1790-1868), advogado.

<sup>10</sup> Frédéric Alfred Pierre (1811-1886), político francês.

<sup>11</sup> Charles de Rémusat (1797-1875), político francês.

<sup>12</sup> Alexis de Tocqueville (1805-1859), político francês.

<sup>13</sup> Assim são conhecidas as jornadas revolucionárias de 1848.

modernização de Paris dando a cidade uma nova estética arquitetônica destruindo a imagem da velha capital lúgubre e insalubre, esse era o discurso que circulava nos grandes periódicos na época, porém como salienta David Harvey, essa modernização proposta por Bonaparte é na verdade uma reação conservadora e a reacionária, mostrando que sua intenção era apenas contrarrevolucionária. O autor nos mostra que,

Antes reinavam as indústrias manufatureiras dispersas, organizadas sobre as bases artesanais, muitas das quais deram passo a maquinaria e a indústria moderna. Antes havia tendas pequenas nas arcadas e ao longo das ruas estreitas e torcidas, depois chegou a expansão dos grandes armazéns que se derramaram pelos bulevares.<sup>14</sup>

A reforma Haussmanianna modernizou Paris não para seus habitantes, mas sim para o desenvolvimento do Capitalismo, durante esse processo a cidade foi sendo fracionada, de um lado os grandes bulevares com toda a casta da burguesia parisiense e grandes indústrias, do outro as *classes perigosas*<sup>15</sup>, é interessante notar que a qualidade de vida dessa classe não se “modernizou” como das pessoas que passaram a residir no centro da cidade, mas como veremos mais adiante, essa transformação serviu para combater os focos revolucionários dos clubes operários, embora não surtindo grande efeito. Esse projeto de renovação urbana foi composto por uma comissão escolhida pelo então imperador Napoleão III em 1853, causando o deslocamento de milhares de pessoas da velha Paris para os distritos mais isolados da cidade, os chamados *arrondissements*.

O governo de Napoleão III tinha como objetivos controlar o revolucionário movimento operário e suas pretensões políticas, reanimar a economia, bem como sair do mal-estar político e social em que vivia a França desde os anos de 1848. Entre as medidas tomadas pelo imperador estavam, segundo Harvey, uma enérgica disciplina laboral e desaparecimento das restrições que limitavam a circulação de capital, o geógrafo britânico assinala que,

Os excedentes de capital e mão de obra, tão evidentes em 1848, seriam absorvidos mediante um programa de inversões massivas em longo prazo no entorno já existente, que se centrava na melhoria das relações espaciais. Um ano depois da proclamação do império, mas de mil pessoas trabalhavam nas obras da zona das Tulherias, milhares encontravam trabalho na construção da rede ferroviária, nas minas e fundições, em lamentável estado até 1851, corriam para poder satisfazer uma demanda crescente.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> David Harvey. *París: capital de la modernidad*. Madrid: Ediciones Akal, 2006, p. 7-8. (Todas as traduções são nossas).

<sup>15</sup> Termo que a burguesia designou aos trabalhadores após as jornadas revolucionárias ocorridas durante os anos de 1848 e 1849.

<sup>16</sup> David Harvey. Op. cit., p. 139.

Esse quadro apresentado por David Harvey sobre o desenvolvimento econômico baixo o II Império mostra a preocupação dos bonapartistas em por a França em destaque no cenário europeu, um grande ponto que se desenvolveu ao longo do período imperial foram as ferrovias, em 1850 era registrado 1.931 quilômetros de linhas férreas, no ano de 1870 já havia sido construído 17.400 quilômetros, o mesmo pode ser visto na rede de telégrafos que no mesmo ano contava com 23.000 quilômetros de extensão. Dentro desse projeto desenvolvimentista pode ser notado que o foco era a capital francesa, ponto escolhido para fins políticos e estratégicos, e como mostra Harvey, Paris se tornaria o principal mercado e centro industrial da nação.

Nesse contexto de pleno crescimento econômico, a classe trabalhadora é afetada no âmbito político, em finais da década de 1850 começa a surgir o internacionalismo operário que será visto com força durante a Comuna de Paris. Esses trabalhadores buscavam formas de associações, autogestão ou cooperativismo ao invés da ditadura do proletariado, ou seja, estavam bem ancorados nas prédicas de Proudhon e contra a corrente do socialismo proveniente do pensamento marxiano. Segue um quadro expositivo sobre a distribuição dos trabalhadores:

A *Enquête* de 1860 compila 101.000 empresas que fornecem emprego a 416.000 trabalhadores, com um aumento de 11% respeito a 1847, e onde a maior parte do lucro se deve a anexação dos arredores, já que os dados referidos a velha Paris, indicam uma perda de 19.000 trabalhadores. O número de empresas aumentou 30%, mostrando uma surpreendente expansão das pequenas empresas. As que empregavam os trabalhadores como máximo, haviam passado de 50% em 1847-1848 até 62%, e as que tinham mais de dez trabalhadores havia baixado de 11 para 7%. Este aumento da fragmentação podia se observar em muitos setores e era particularmente notável na velha Paris. No setor de confecção, por exemplo, o número de empresas aumentou 10%, enquanto que os trabalhadores empregados sucederam 20%. As cifras referidas a indústria química eram incluso mais chamativas, 45% de novas empresas e 5% menos trabalhadores. A construção de maquinaria, a indústria de maior tamanho em 1847-1848, com uma média de 63 empregados havia se fragmentado, baixando a média em 1860 até 24 trabalhadores por empresa.<sup>17</sup>

Fábricas de grandes dimensões começaram a espalhar-se pela capital francesa durante a década de 1860, uma de suas características era a implantação de um sistema de coerção composto de capatazes, supervisores que haviam sido proibidos em 1848 e legalizados durante o ano de 1851. No início da década de 1960 surgirá a Comissão dos Trabalhadores que ira debater questões de crédito social e liberdade de trabalho no

---

<sup>17</sup> Ibid. p. 202.

primeiro plano de seu programa social e aqui temos as configurações do programa revolucionário dos trabalhadores que terão repercussão em 1871. Segundo essa comissão, as objeções não eram contra as novas técnicas industriais, mas sim da maneira que se impunham, criando um processo de precarização do produto e de perda de qualificações de trabalhadores e reduções salariais, tais posicionamentos eram resposta à exposição feita por um industrial conhecido como Poulot<sup>18</sup>, segundo ele, as inovações tinham três objetivos chaves: aumento da precisão, aceleração da produção e o principal deles, a diminuição da liberdade do trabalhador.

Em algumas indústrias o conhecimento artesanal foi substituído por formas especializadas de acordo com a nova divisão industrial do trabalho, ou seja, temos a substituição de artesãos por operários controladores de máquinas.

E temendo uma nova primavera dos povos, o regime bonapartista começou a perseguir trabalhadores e suas formas de organização a partir de 1852,

Depois de se verem despojados dos direitos de associação, organização, sindicalização, reunião e do direito de greve, também tiveram que afrontar uma bateria de leis que se ocupavam de assuntos tais como a *livret* (uma espécie de cartilha que supostamente tinha que ter cada trabalhador); das disputas judiciais (em caso de conflitos de opinião entre o trabalhador e o patrão, a lei estabelecia que devesse prevalecer a do patrão), assim como a participação dos trabalhadores nos *conseils de prud'hommes* (conselhos setoriais), nos quais sempre estavam em minoria.<sup>19</sup>

A repressão intensifica-se após 1858, isto devido ao atentado sofrido pelo imperador, J. A- Lesourd relata esse acontecimento, “[...] no dia 14 de janeiro de 1858, um republicano italiano, Orsini, e seus cúmplices lançam três bombas sobre a cabeça do casal imperial, que se dirige à Ópera: oito mortos, 148 feridos, mas o imperador e a imperatriz escapam ilesos.”<sup>20</sup> Com o ocorrido, Napoleão III promulga a Lei de Segurança Geral visando coibir qualquer prática que aos olhos do Governo poderia ser considerada subversiva.

Os trabalhadores acostumados a este tipo de repressão começaram a se organizar por baixo dela. Segundo Harvey, essa insubmissão do operariado e o aumento de seu custo de vida o garantiu aumentos salariais de 20% durante o Segundo Império, incluindo os empregos de maioria feminina, embora não se realizando equiparação salarial, os salários eram em torno de 700 a 1500 francos para homens e 345 a 685 para mulheres, dependendo da ocupação. Com este aumento do custo de vida, as profissões

---

<sup>18</sup> Não foram encontradas referências biográficas sobre ele.

<sup>19</sup> *Ibid.* p. 225.

<sup>20</sup> J. A- Lesourd “A França de 1848 a 1870” In Néré, Jacques. *História Contemporânea*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. p. 130.



que conseguiam sustentar uma família de quatro membros era somente a de mecânico e carpinteiro, ainda nesse cenário salarial constatamos que as mulheres não conseguiam se sustentarem por conta, mesmo se morassem sozinhas seus soldos não garantiam o básico para suprirem suas necessidades.

A figura da mulher no mercado de trabalho variou por mais de duas décadas, entre 1847-1848 a participação feminina era de 41,2%, em 1860 esses números caíram para 30% voltando a subir somente em 1872 para 41,3%, esses fluxos são devidos à modernização bonapartista responsável pelo deslocamento da população (operária) do centro. Mulheres formaram grupos feministas para reviver a atmosfera revolucionária de 1848 e começaram a se organizarem em cooperativas de produção e consumo e posteriormente se converteram em um forte bastião na organização e defesa da Comuna. Embora lutando pela equiparação da sua condição no mercado de trabalho, muitas mulheres encontravam refúgio em empregos domésticos, pois ele,

[...] representava com diferença a ocupação mais importante da mulher na cidade (111.496 mulheres em 1861), teria características especiais. Proporcionava uma comida adequada, um alojamento e condições de trabalho menos intensas; porém a jornada era longa, com frequência alcançava as quinze ou dezoito horas sete dias por semana e as condições de vida estavam estritamente reguladas.<sup>21</sup>

A vida das mulheres laboriosas era frequentemente pior que a de seus companheiros, pois além de cuidar dos serviços domésticos, ajudavam a complementar a renda familiar como costureiras, comerciando alimentos, lavando roupa ou trabalhando como assistente dos homens em oficinas, esse modo como viviam as levaram-nas a serem chamadas de *proletárias do proletariado*, célebre frase de Flora Tristan<sup>22</sup>. Em contrapartida essas mulheres desempenharam papéis importantes na organização do movimento operário como um todo,

[...] nos centros e associações de mulheres que se criavam, era evidente uma política feminista alternativa orientada, não somente ao direito ao divórcio e ao trabalho, se não também a estabelecer uma base econômica para a emancipação da mulher através da organização coletiva da produção e do consumo. A massa de mulheres envolvidas na Comuna estava formada por costureiras, modistas, repassadoras, cortadoras, limpadoras e produtoras de flores artificiais (o serviço doméstico apenas participo), que teriam uma ampla experiência (a maior parte delas havia completado os quarenta) das bases econômicas de sua própria dominação e que, como os homens, viam as políticas coletivistas e cooperativistas como sua resposta.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Ibid. p. 239.

<sup>22</sup> Escritora e militante feminista francesa.

<sup>23</sup> Ibid. p. 250.

Em um panorama mais geral é possível notar que com o passar dos anos e devido à especulação imobiliária, fator intensificado durante o período abordado, os trabalhadores gastavam cada vez mais do seu salário com moradia. Com a proliferação de pensões nos arredores de Paris e o aumento no custo da moradia, começaram a surgir adições às pensões já existentes para a classe trabalhadora. As leis concernentes a insalubridades que haviam sido aprovadas durante a Segunda República, tornaram-se letra morta sobre as mãos de Haussmann, em dezoito anos apenas 18% das moradias haviam sido inspecionadas, portanto, podemos concluir que a qualidade de vida de uma cidade símbolo da modernidade não chegou até a população pobre.

No estudo harveyniano à sustentação da ideia de comunidade entre os trabalhadores, seja o apego aos bairros ou as classes locais, estarão constantemente presentes na conhecida *Semana Sangrenta* de 1871<sup>24</sup> onde a defesa dos bairros foi até as últimas consequências.

### **A intensificação das lutas do proletariado**

Outra questão importante é o antagonismo de classe que se tornou agudo nos anos de 1850 a 1870, anterior a esse período era mal definido a relação proprietário/trabalhador, pois em 1848 não havia grandes indústrias em Paris, o que predominava eram as oficinas de artesãos, essa relação sofrera alteração no regime de Napoleão III devido a,

[...] 1847 e 1872 o produto nacional passa de 13,5 bilhões a 23 bilhões: a sua taxa de crescimento é, então, de uns 2%, superior à dos períodos anteriores (1,1%) e posteriores (1,5%) – e superior também a do Reino Unido (1,2 %) ou à dos Estados Unidos (1,2%): o impulso deve ter vindo sem dúvida, dos anos 1840, e, portanto de muito antes do Segundo Império, mas a crise de 1846-1849 deteve momentaneamente a expansão, cujo reinício geral no mundo coincide com o advento do príncipe-presidente.<sup>25</sup>

Dentre esses processos as ideias de Proudhon tomara escopo no movimento operário durante os anos de 1860 a 1870, para o anarquista francês,

[...] a luta para libertar os trabalhadores teria que começar nos lugares de trabalho, com a implantação de planos práticos antes que projetos utópicos. A cooperação e o mutualismo significavam um conceito novo de democracia

<sup>24</sup> A Semana Sangrenta marca a última semana da Comuna de Paris e seu massacre.

<sup>25</sup> J. A- Lesourd, Op. cit. p. 131.

operária no processo produtivo, e teria que estar respaldado pelos créditos, a banca, as seguradoras mutualistas e as sociedades benéficas, por projetos de cooperativas de moradias e alternativas similares. A virtude deste programa estava em evitar a intervenção estatal e poderia por as bases para a desaparecimento gradual do Estado.<sup>26</sup>

Durante o período do Segundo Império a ideia de associação foi frequente nos círculos operários e como resultantes da repressão surgiram novas formas de organização buscando com programas radicais a emancipação da mulher, a nacionalização das terras, garantia de moradias, emprego e educação para todos.

No início da década de 1860 as sociedades mutualistas se tornaram a frente de toda classe de organizações operárias clandestinas, atuando como elemento para a conscientização e meios para organizar as expressões coletivas dos trabalhadores, construindo uma ponte entre o trabalho e a vida da população francesa. A partir da greve dos gráficos em 1862 o mutualismo proudhouniano cresceu em número e afiliação, enquanto surgiam planos de créditos para operários como o *Crédit au Travail*, além da criação de cooperativas de consumo e moradia, este cenário evidencia a organização da classe trabalhadora na luta de classes.

Na construção da organização operária a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1876) desempenhou importante papel na edificação do internacionalismo revolucionário. Os princípios internacionalistas surgem da conexão dos operários ingleses com os franceses na Exposição Universal de 1862 ocorrida em Londres, segundo Alexandre Samis,

[...] Tal fato desdobrou-se em um encontro, na realidade uma recepção festiva, no dia 5 de agosto, onde cerca de 250 operários ingleses sublinharam a importância do estreitamento nas relações entre os trabalhadores dos diferentes países. Alguns dentre os 70 delegados franceses presentes à festa sugeriram a formação de comitês de correspondência para a troca de impressões e informações sobre as realidades específicas dos dois países, com vistas a elaboração de projetos em comum entre os trabalhadores.<sup>27</sup>

Este estreitamento de laços representa o início da união dos trabalhadores dos diversos países na luta pela emancipação em esfera internacional. A partir desse intercâmbio os operários franceses puderam constatar que ganhavam menos (30%) em relação aos ingleses, mesmo se trabalhasse mais, sofriam desvantagens também na qualidade das moradias e nos preços dos aluguéis, encontrando-se nessa situação,

---

<sup>26</sup> Pierre-Joseph Proudhon *apud* David Harvey, Op. cit. p. 365.

<sup>27</sup> Alexandre Samis. *Negras Tormentas: o internacionalismo e o federalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011, p. 122.

decidiram criar comitês internacionais para definir objetivos e táticas de lutas além-fronteiras.

Após o contato na exposição londrina é possível detectar um aumento na organização das atividades da classe laboriosa francesa, em Paris entre os anos de 1864 e 1866 surgiram 12 novas associações ancoradas no pensamento de Proudhon, além do crescente número de greves que se espalharam pelo país nos “mineiros do norte, Pas-de-Calais e de Anzin; greves parciais por salário, redução de jornada ou por legislação em Carvin, Lourches, frasnés e Vicoigne.”<sup>28</sup> Em 1864, em uma terceira visita a Londres, os operários franceses na figura de Tolain apresentaram aos ingleses um manifesto para a criação de uma organização internacional, essa iniciativa só foi possível devido à intensificação da politização e do caráter revolucionário da teoria proudhouniana que repercutia dentro dos trabalhadores no biênio citado anteriormente.

Fundada em 1864, a Internacional terá seu primeiro congresso realizado em setembro de 1866 em Genebra, contando com 60 delegados, a primeira atividade da delegação foi realizar uma passeata pela cidade buscando visibilidade para a organização na tentativa de atrair novos filiados. Nos dias seguintes foram realizadas plenárias para discussão dos objetivos da nova organização, dentre eles estavam,

[...] as relações entre o capital e o trabalho, o papel da mulher na sociedade, os exércitos permanentes, o futuro das associações de classe, a redução das horas de trabalho, o trabalho feminino e infantil, o trabalho cooperativo, os impostos, a instituição internacional de crédito, as sociedades de socorro mútuo, a religião, a supressão do salariado, a liberdade da Polônia, o combate à Rússia czarista entre outros.<sup>29</sup>

Em 1867 ocorreram greves por praticamente toda a França, aumentando assim o prestígio da AIT no país, conseqüentemente trazendo novos filiados a organização, esses acontecimentos se deram com os “operários do bronze, em Paris; tecelões, em Roubaix, na região Nord- Pas-de-Calais; mineiros, em Fouveau, em Bouches-du-Rhône.”<sup>30</sup>

Na configuração da AIT o congresso realizado durante o mês de setembro em Lausanne representou um passo importante para a organização conferindo-a uma fisionomia inquestionavelmente revolucionária e internacionalista, pois segundo Eugène Varlin, anarquista francês e membro da Internacional, acabar com as diferenças entre os homens é acabar com a guerra entre as nações, isto mostra o posicionamento antimilitar da maioria dos membros da organização.

---

<sup>28</sup> Ibid. p. 125.

<sup>29</sup> Ibid. p. 134.

<sup>30</sup> Ibid. p. 141.

O terceiro congresso, em Bruxelas, já terá como marca principal a vitória do coletivismo sobre o mutualismo, marcando o que deveria ser de posse coletiva da classe trabalhadora, como minas, ferrovias, estradas, solo, linhas telegráficas, etc.

O movimento operário francês marca presença como maioria na Internacional, moldando-a aos moldes da influência de Proudhon e Bakunin, os franceses representam em número na AIT entre 1866 a 1870, de 500 filiados para 245 mil, crescendo também em associações, filiações passaram a serem feitas em bloco. Eugène Varlin, nome conhecido entre o proletariado francês, carregava do pensamento proudhouniano a aversão a figuras dominadoras, segundo ele somente a organização dos trabalhadores seria capaz de derrotar o capitalismo. Segundo Samis,

Outro indício do prestígio da Internacional na França é a indicação de André Murat, do grupo coletivista, para ocupar uma cadeira no Conselho Geral de Londres, embora continuasse em Paris. Por toda a França surgiram novas seções: em Rouen, graças a Émile Aubry; Elbeuf, que apareceu após uma grande greve; Caen, Lisieux, Conde-sur-Noirieuau, no oeste e, na Bretanha, Brest, fruto também do intenso trabalho de Ledoré. Lyon e Marselha, centro de federações, contavam com as seguintes novas seções: Saint-Étienne, Creusot, Givors, Tournon, Fleurieu-sur-Saône, Neuville-sur-Saône, Vienne, Grenoble, Saint-Symphorien d'Ozon, Aix, Villefranche, Fuveau e Ciotat. No norte e no leste, as novas seções de Besançon, Mulhouse, Reims, Cosne, Cambrai, Roubaux, Lille e Amiens, além de algumas outras tentativas sem maiores consequências. Dessa forma, na primavera de 1869, o território francês estava envolvido em uma rede federada de seções da Internacional.<sup>31</sup>

O ano de 1869 foi um período de lutas econômicas por parte dos trabalhadores, com frequentes greves que consumiam o tempo dos membros da AIT, Alexandre Samis nos fornece um quadro completo das localidades e setores que aderiram a paralisações,

[...] No início de janeiro, os trabalhadores em tecidos de algodão paralisaram as atividades em Sotteville-les-Bains, em Rouen; em fevereiro, entraram em greve os operários em Basileia, Suíça; em março e abril estouraram sucessivamente as greves na Construção Civil, em Lausanne; em junho, foram os mineiros em Saint-Étienne, Rive-de-Gier e Firminy; os trabalhadores em seda paralisaram suas atividades em julho, em Lyon; em setembro, outra greve em Rive-de-Gier; em outubro, em Elbeuf; dos mineiros, em Aubin, com o massacre de muitos trabalhadores pelas tropas do governo. Nos meses seguintes seriam ainda verificadas importantes greves em Marselha e Paris. Em todos estes episódios o grupo ligado a Varlin, quer pela solidariedade ou pelo auxílio direto, prestou relevantes serviços aos operários, ignorando, como era previsto pela Internacional, os limites territoriais de cada país.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup>Ibid. p. 175.

<sup>32</sup>Ibid. p. 179.

Nesse quadro é possível perceber que o movimento operário francês muitas vezes se tornou a vanguarda revolucionária tanto nos debates político e econômico quanto nas ações diretas da Internacional.

Na esfera dos Estados Nacionais as relações estão pautadas em clima de beligerância principalmente entre França e Prússia que resultará na Guerra Franco-Prussiana de 1870, esse acontecimento também será discutido entre os militantes da Internacional. Em 12 de julho de 1870 a delegação francesa lança um manifesto contra a Guerra, mostrando o caráter antimilitar da organização dos trabalhadores, em compensação, socialistas alemães com Marx e Engels a frente forneciam “apoio à guerra, desde que ela mantivesse o caráter defensivo, sem pretensões expansionistas, principalmente no que dizia respeito à Alsácia e à Lorena.”<sup>33</sup> Mas o que os socialistas alemães queriam não era a expansão de territórios, mas sim de suas ideias. Marx em carta à Engels datada a 20 de julho de 1870 irá dizer,

Os franceses precisam ser surrados. Se os prussianos forem vitoriosos, a centralização do poder de Estado será útil à centralização da classe operária alemã. A preponderância alemã transferiria, além do mais, da França para a Alemanha, o centro de gravidade do movimento operário europeu; e basta comparar o movimento de 1866 com o momento atual nos dois países para ver que a classe operária alemã é superior a francesa no plano da teoria e da organização. A preponderância, no teatro do mundo, da classe operária alemã sobre a francesa significaria a preponderância de nossa teoria sobre aquela de Proudhon.<sup>34</sup>

Enquanto o internacionalismo da AIT repercutia entre a classe trabalhadora, não é possível constatar o mesmo entre os pensadores alemães e, como apresentado anteriormente, não faltou teoria e muito menos organização ao movimento operário francês, pois se houvesse carecimento de ambos os aspectos ele não teria sido a vanguarda da onda grevista de 1869, dentro do programa alemão as bases de organização são a centralização e a criação de um Estado operário, segundo Samis, “Marx, Engels, Bebel e Liebknecht, não entendia o Estado alemão mais do que um meio, uma condição de seu tempo, a ser utilizado no sentido da centralização moderada da classe trabalhadora”.<sup>35</sup>

Em setembro de 1870 Napoleão III cai prisioneiro em Sedan, nesse momento a guerra estava decidida e também se sabia que a Prússia não estava fazendo uma

---

<sup>33</sup> Ibid. p. 205.

<sup>34</sup> Karl Marx *apud* Mikhail Bakunin *et al.* *A Comuna de Paris: considerações libertárias*. São Paulo: Imaginário, 2016, p. 126.

<sup>35</sup> Alexandre Samis. Op. cit., p. 207.

guerra defensiva, mas sim uma guerra imperialista, levando a perda dos territórios da Alsácia e Lorena por parte da França, deixando-a responsável por arcar com a indenização de guerra. Enquanto isso, Varlin preocupado com a situação dos trabalhadores, iniciara a criação de periódicos que serviriam como orientações ao operariado. Jornais franceses alertaram sobre a iminente ocupação prussiana sob Paris com posicionamentos de peças de artilharia em pontos estratégicos, era o início do cerco à cidade.

No início de 1871 ocorrem manifestações na capital francesa com participação da Guarda Nacional, em maioria, com estandartes vermelhos ocupando as ruas e contando com o apoio popular. O governo “republicano” sediado em Versalhes, na figura de Adolphe Thiers, ordenou o envio de tropas para reprimir as ações em Paris e que acabaram por confraternizar com o povo se recusando a desarmá-los, em suas mãos estavam peças de artilharia e os fortes da cidade.

Em 18 de março de 1871 batalhões do exército marcharam para Buttes-Chaumont, Belleville, /e Temple, Bastilha, Hôtel de Ville, Montmartre e Luxemburgo, porém foram contidos pela reação da Guarda Nacional, os enviados de Thiers insatisfeitos com a Assembleia, não somente uniram-se aos federados como também executaram os generais Lecomte e Clément Thomas, era o início da Comuna de Paris, porém este capítulo importante da história do operariado francês não será retratado neste artigo.

### **Considerações Finais**

O movimento operário francês durante o período de 1848 a 1871 passou por uma mudança radical na sua forma organizativa quanto em seu aporte teórico, a partir dos estudos de obras de referência ao assunto, foi possível constatar e acompanhar historicamente esse processo.

No ano de 1848, a classe laboriosa francesa ainda era um movimento disperso, ancorado em ideais de reformas providas de Saint-Simon, Fourier e outros teóricos que não almejavam a transformação social dos trabalhadores, mas sim a manutenção da velha ordem através de “melhorias” no ambiente de trabalho. As jornadas revolucionárias de 1848 começaram com bases nesses pensadores, porém do período que vai da revolução de fevereiro a de junho marcou a transição das lutas sociais na França, em fevereiro o proletariado luta junto com a burguesia para por fim ao regime monárquico de Luís Felipe, acreditando que teria suas reivindicações atendidas pelo

novo governo constituído por setores burgueses, questionamentos não muito radicais, dentre eles estavam a criação de um ministério do trabalho e a garantia de trabalho aos cidadãos franceses. Além de ignorar os pedidos pelos quais os trabalhadores lutaram nas barricadas de fevereiro, o governo republicano em junho decide por fechar as Oficinas Nacionais que então garantiam trabalho para 100 mil operários, com medo de que ali se tornasse um foco de conspirações revolucionárias, tal fato levou a violentos combates nas ruas de Paris causando a morte de mais de 3000 trabalhadores, esses embates marcam o início da radicalização das ideias e da oposição entre burguesia e proletariado.

Os anos de 1850 a 1870 são importantes para o proletariado, pois marcam os debates políticos com fins revolucionários principalmente com o abandono de ideais reformistas, isso mostra que o trabalhador francês já compreendia os limites do reformismo. Começa a crescer o número de adeptos às ideias revolucionárias de Pierre-Joseph Proudhon para a transformação social e também entram em cena os jacobinos inspirados nos pensamentos de Auguste Blanqui, foram, sem dúvidas, as principais correntes políticas do movimento operário nesse período.

A década de 1860 é marcada por inúmeras greves em setores importantes da recente indústria francesa reivindicando aumento salarial, melhores condições de trabalho, relação da mulher e da criança nas fábricas, esses novos questionamentos devem muito ao nascente internacionalismo advindo dos intercâmbios dos trabalhadores britânicos com os franceses durante a Exposição Universal realizada em Londres.

A partir da troca de experiências entre os trabalhadores de determinados países surge em 1864 a Associação Internacional dos Trabalhadores, com o objetivo de internacionalizar os objetivos do movimento operário europeu, com isso mostramos o tamanho da organização dos operários, pois todos tinham o mesmo objetivo, a República Universal do Trabalho. A nova organização teve uma repercussão muito grande na França que entre 1866 a 1870, passou de 500 filiados para 245 mil, mesclando em sua maioria as influências de Proudhon e de Bakunin em oposição ao socialismo autoritário dos alemães, em especial, de Marx.